

DEZ ANOS DE SAUDADE DO SOCIÓLOGO E ECONOMISTA VICENTE UNZER DE ALMEIDA

Oracy NOGUEIRA

No dia 20 de julho do corrente ano, se completaram dez anos desde o falecimento, em São Paulo, do sociólogo e economista **Vicente Unzer de Almeida**.

Tendo usufruído de sua amizade por pouco mais de cinquenta anos, não posso deixar passar a data sem uma manifestação de saudade e pesar.

Vicente nasceu em São Manuel, nas proximidades de Botucatu, em 22 de agosto de 1916, filho do ferroviário Vicente Ferrer de Almeida, natural de Itu, e de Dona Leonídia Unzer de Almeida, natural de Areias, no Vale do Paraíba, cidade que serviu de paradigma para Monteiro Lobato, na descrição das "cidades mortas" da região, no período de decadência da cafeicultura.

Segundo Vicente, o nome Unzer era corruptela de von Kusendarf, de um seu ascendente alemão, por parte da mãe.

Vicente passou a infância acompanhando o pai em suas andanças de ferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana. Estavam em Presidente Epitácio, em 1924, onde o pai era agente da estação, por ocasião da revolução desse ano, chefiada por Isidoro Dias Lopes. Os revolucionários ocuparam boa parte da ferrovia e o pai de Vicente teve que se submeter às suas ordens. Vicente costumava lembrar a atenção e até carinho com que foi tratado, com cerca de oito anos, pelos soldados rebeldes.

Parte da infância, Vicente passou em casa de uma tia materna, em Birigüí, onde era professora primária, eficiente e enérgica, a quem deve sua alfabetização. Era mãe de seu primo Nelson Fortunato, que viria a estudar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, e seria advogado da Indústria Antártica de cerveja e refrigerantes e da Fundação Zerrener, à mesma ligada.

Aos doze anos, Vicente começou a trabalhar, como praticante de telegrafista do sistema Morse, na agência urbana da Estrada de Ferro Sorocabana,

em Botucatu. Além de receber e expedir telegramas, sob as ordens do agente Benedito Camargo, cabiam-lhe tarefas como preencher mapas estatísticos do movimento da agência, expedir conhecimentos de encomendas remetidas, entregar as que chegavam, varrer o interior da agência e o passeio fronteiriço, etc.. Seu Camargo era um burocrata rigoroso, exigente quanto ao horário, à pontualidade e às tarefas que atribuía.

Ao mesmo tempo em que trabalhava na Agência, em dois períodos - o matutino e o vespertino - Vicente frequentava as aulas do Ginásio Diocesano Nossa Senhora de Lourdes que deixou na segunda série, por dificuldade de conciliação com o emprego. Achou melhor fazer um curso prático de comércio, em escola anexa ao Ginásio, que concluiu em dois ou três anos e que logo se tornaria precioso para sua carreira de ferroviário.

Em 1933 ou 1934, Vicente começou a trabalhar como estagiário não remunerado na redação do diário **Correio de Botucatu**, de propriedade e dirigido por Manuel Deodoro Pinheiro Machado.

Em 1935, transferiu-se para São Paulo, onde continuou a trabalhar na Sorocabana, ao mesmo tempo em que se preparava para o exame de madureza, no Ginásio do Estado, para se habilitar ao ingresso em algum curso superior. Ingressou, também, na redação do jornal *O Estado de São Paulo*, em trabalho noturno, a princípio como revisor e, mais tarde, como redator, funções que exerceu por anos seguidos.

Com o diploma de conclusão do curso secundário, obtido com o exame de madureza, matriculou-se, em 1940, no curso de bacharelado da Escola Livre de Sociologia e Política, onde se veio a bacharelar em 1942. Em seguida, tratou de fazer o curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Com o diploma da Escola de Sociologia e Política e de Direito, deixou o emprego na Estrada de Ferro e foi trabalhar no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, a princípio como cobrador e, mais tarde, como consultor jurídico.

Em princípio do decênio de 1950, com bolsa de estudo, foi com a mulher e a filha para os Estados Unidos, onde permaneceu três anos, regressando com o título de "mestre em economia", da Vanderbilt University. A partir daí, passou a se identificar profissionalmente antes como economista que como sociólogo.

Em princípio do mesmo decênio de 1950, em colaboração com o agrônomo e seu concunhado Otávio Teixeira Mendes Sobrinho, realizou uma pesquisa sobre a migração do interior do Estado e de outros pontos do País para a cidade de São Paulo, levantando dados através de questionário aplicado a alunos de grupos escolares para saber a procedência dos pais, o que faziam antes de se

transferirem para a cidade de São Paulo e as ocupações que vieram a exercer após a transferência.

Publicada, essa pesquisa valeu aos autores o Prêmio Fábio Prado de Estudos Brasileiros da União Brasileira de Escritores. Nesse estudo, Vicente e seu colaborador mostravam, ao mesmo tempo, aspectos da mobilidade geográfica e ocupacional da população de São Paulo, chamando a atenção para o onus da formação de recursos humanos das regiões emissoras de correntes migratórias e para a vantagem das regiões receptoras, que recebiam migrantes já formados e em fase de produtividade, sem haverem contribuído para a sua formação.

Era um enfoque novo, revolucionário, que serviria para uma argumentação favorável a um investimento maciço em educação nas regiões emittentes de migrantes, em seu benefício e no das regiões recipientes...

Mais ou menos por essa época, Vicente passou a trabalhar na indústria automobilística, na Mercedes Benz do Brasil, onde veio a ocupar, por cerca de dez anos, a função de chefe do Departamento de Economia. Nessa função, cabia-lhe fazer pesquisas sobre a conjuntura e o mercado de auto-veículos e autopeças, com a produção de relatórios de interesse para a programação de atividades da empresa.

A par de todas essas atividades, Vicente ainda achava tempo e energia para lecionar, dando aulas na Escola de Sociologia e Política, na Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco, na da Fundação Armando Álvares Penteado, no Curso de Jornalismo da Fundação Cásper Líbero, em São Paulo, e no curso de Economia de São José dos Campos, da Fundação Valeparaibana de Ensino.

Por ocasião de seu falecimento, Vicente estava empenhado numa pesquisa sobre o perfil dos alunos do curso de Economia da Fundação Álvares Penteado. Foi professor, também, do curso de Economia São Luiz.

Em 1942, Vicente se casou com a pianista Cleide Castanho, com quem teve uma filha, Mariana, que, estudando matemática e informática na Universidade de São Paulo, veio a se dedicar a este domínio, na Itautec.

Além do estudo mencionado sobre migração para a cidade de São Paulo, Vicente também deixou um trabalho interessante sobre a população de origem japonesa, produtora de chá, no município de Registro.

Vicente tinha pavor de ser considerado como incapaz. Por isso, trabalhou até as vésperas de ser hospitalizado. Ficou terrivelmente decepcionado quando, depois de deixar a Mercedes Benz do Brasil, atendeu a um anúncio de procura de executivo, enviando seu curriculum que foi aprovado, sendo, então, chamado para uma entrevista que resultou em sua não aceitação para o cargo, por motivo de idade, o que o deixou profundamente frustrado.

É de se lembrar sua atuação no programa de revisão agrária do governo estadual de José Bonifácio Nogueira Coutinho, no planejamento de assentamento de núcleo rural em Marília e de rizicultores chineses no Vale do Paraíba. Em conexão com o último projeto, viajou pelo Oriente, visitando os campos de rizicultura de Formosa.

Enfim, para os que o conheceram pessoalmente e acompanharam seu intenso labor de sociólogo, economista e professor, a memória de Vicente Unzer de Almeida está tão viva hoje quanto há dez anos e jamais perecerá.

Inesquecíveis, também, foram as numerosas bancas examinadoras que Vicente integrou, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, na Escola de Sociologia e Política, na Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco e outras instituições.

A biblioteca de Vicente, constituída de obras principalmente de Sociologia e Economia, foi doada pela sua viúva à Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco, que a recebeu em marcante solenidade.